

EVA MOZES KOR  
& LISA ROJANY BUCCIERI

AS  
GÊMEAS  
DE  
AUSCHWITZ

*A inspiradora história de uma jovem garota  
sobrevivendo ao inferno*

TRADUÇÃO  
Saulo Krieger

 FARO  
EDITORIAL



**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023**  
**FIRST PUBLISHED IN GREAT BRITAIN IN 2020 BY MONORAY, AN IMPRINT OF OCTOPUS PUBLISHING GROUP LTD**

**PUBLISHED IN THE UNITED STATES AS SURVIVING THE ANGEL OF DEATH BY TANGLEWOOD PUBLISHING, INC.,**  
**TEXT COPYRIGHT © EVA MOZES KOR AND LISA ROJANY BUCCIERI, 2009, 2020**  
**ADDITIONAL TEXT © PEGGY TIERNEY 2020 COPYRIGHT © OCTOPUS PUBLISHING GROUP LTD 2020**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**  
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**  
Preparação **DANIELA TOLEDO**  
Revisão **CRIS NEGRÃO e MARINA MONTREZOL**  
Capa, projeto gráfico e diagramação **VANESSA S. MARINE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Kor, Eva Mozes

As gêmeas de Auschwitz : a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno / Eva Mozes Kor, Lisa Rojany Cuccieri ; tradução de Saulo Krieger. — São Paulo : Faro Editorial, 2023.

160 p.

ISBN 978-65-5957-259-5

Título original: The twins of Auschwitz: The inspiring true story of a young girl surviving Mengele's hell

1. Crianças judias no holocausto 2. Holocausto judeu (1939-1945) 3. Auschwitz (Campo de concentração) 4. Mengele, Josef, 1911-1979 I. Título II. Cuccieri, Lisa Rojany

22-6885

CDD 940.53

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

I. CRIANÇAS JUDIAS NO HOLOCAUSTO



1ª edição brasileira: 2023

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL.

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)



# Sumário

<u>Dedicatória</u>	<u>07</u>
<u>Prólogo</u>	<u>09</u>
<u>Capítulo 1</u>	<u>13</u>
<u>Capítulo 2</u>	<u>30</u>
<u>Capítulo 3</u>	<u>39</u>
<u>Capítulo 4</u>	<u>50</u>
<u>Capítulo 5</u>	<u>55</u>
<u>Capítulo 6</u>	<u>65</u>
<u>Capítulo 7</u>	<u>73</u>
<u>Capítulo 8</u>	<u>77</u>
<u>Capítulo 9</u>	<u>86</u>
<u>Capítulo 10</u>	<u>92</u>
<u>Capítulo 11</u>	<u>97</u>

<u>Capítulo 12</u>	<u>102</u>
<u>Capítulo 13</u>	<u>109</u>
<u>Capítulo 14</u>	<u>117</u>
<u>Epílogo de Eva</u>	<u>119</u>
<u>Posfácio</u>	<u>133</u>
<u>Nota da autora</u>	<u>151</u>
<u>Biografia das autoras</u> _____	<u>153</u>
<u>Créditos das fotos</u> _____	<u>155</u>

## D E D I C A T Ó R I A

Este livro é dedicado à memória de minha mãe, Jaffa Mozes, de meu pai, Alexander Mozes, de minhas irmãs, Edit e Aliz, e de minha irmã gêmea, Miriam Mozes Zeiger. Também o dedico às crianças que sobreviveram ao campo de concentração e a todas as crianças do mundo que sobreviveram à negligência e ao abuso, pois quero honrar a sua luta para superar o trauma de terem perdido a infância, a família e o sentimento de pertencimento a uma família. Por fim, este livro é dedicado em homenagem ao meu filho, Alex Kor, e à minha filha, Rina Kor, que são minha alegria, meu orgulho e meu desafio.

— EMK

A Olivia, Chloe e Genevieve: as razões para tudo.  
E para a minha irmã, Amanda, por ter salvado a minha vida.

— LRB

## CAPÍTULO 1

**M**iriam e eu éramos gêmeas idênticas, as mais novas de quatro irmãs. Se você ouvisse minhas irmãs mais velhas contarem, a contragosto, a história de nosso nascimento, logo saberia que nós duas éramos as queridinhas da família. O que pode ser mais doce ou fofo do que duas garotinhas gêmeas idênticas?

Nascemos em 31 de janeiro de 1934, no vilarejo de Portz, na Transilvânia, Romênia, perto da fronteira com a Hungria. Desde quando éramos bebês, nossa mãe gostava de nos vestir com roupas iguais, colocando enormes laços no nosso cabelo, de modo que quem visse logo saberia que aquelas pessoinhas eram gêmeas. Ela chegava até a nos deixar sentadas no peitoril da janela de casa; para os passantes, nós nem mesmo éramos pessoas de verdade, e sim bonecas preciosas.

Éramos tão parecidas que ela tinha de pôr identificações em nós para nos distinguir. Tias, tios e primos em visita à nossa fazenda gostavam de fazer brincadeiras conosco, tentando adivinhar quem era quem. “Quem é a Miriam? Quem é a Eva?”, um tio intrigado perguntava com um brilho no olhar. Minha mãe sorria, orgulhosa, ante suas perfeitas bonequinhas, e minhas duas irmãs mais velhas deviam resmungar de ciúme. Mas independentemente de qualquer coisa, a maior parte das pessoas adivinhava errado. Quando já mais crescidas e na escola, usávamos a condição de gêmeas idênticas para pregar peças nas pessoas, o que para nós era diversão na certa. Sempre que possível, tirávamos vantagem de quão preciosas e únicas nós éramos.

Embora papai fosse rigoroso e nos alertasse, a nós e à mamãe, dos riscos da vaidade excessiva, enfatizando que até a Bíblia advertia quanto a isso, mamãe se preocupava muito com nossa aparência. Tínhamos nossas roupas feitas sob medida, como as pessoas ricas fazem hoje em dia com os estilistas. Ela encomendava tecidos da cidade e, quando chegavam, levava Miriam, eu e nossas duas irmãs mais velhas, Edit e Aliz, para uma costureira no vilarejo próximo de Szeplak. Na casa da costureira, deixavam-nos olhar atenta e avidamente revistas que traziam modelos da última moda. Mas era de nossa mãe a decisão final sobre o corte e a cor de nossos vestidos, pois naquela época as meninas usavam sempre vestidos, nunca calças ou macacões como os meninos. E mamãe sempre escolhia o bordô, o azul-claro e o rosa para mim e para Miriam. Depois de tiradas as nossas medidas, marcávamos um dia para a prova e, quando retornávamos, a costureira tinha os vestidos prontos para que os experimentássemos. O estilo e a cor deles eram sempre idênticos, duas peças feitas num par perfeito, igual em tudo.



Eva e Miriam Mozes, 1935





Os pais de Eva, Jaffa Mozes e Alexander

Outras pessoas podiam até ficar perplexas com nossa condição de gêmeas idênticas, mas papai conseguia distinguir Miriam e eu por nossa personalidade. Pelo modo como eu andava, por um gesto que fizesse ou no instante em que abrisse a boca para falar, ficava claro para ele quem era quem. Embora minha irmã tivesse nascido primeiro, eu era a líder. Eu era expansiva. Sempre que precisávamos pedir alguma coisa a papai, Edit, a irmã mais velha, encorajava-me para que eu chegasse perto dele.

Meu pai, um judeu religioso, sempre quis ter um menino, porque à época apenas um filho podia participar da adoração pública e entoar o *Kaddish*, a oração dos enlutados para os judeus, quando alguém

morria. Mas papai não teve um menino, só a mim e minhas irmãs. Como eu era a mais nova das gêmeas e a última filha, ele muitas vezes me olhava e dizia: “Você deveria ter sido um menino”. Acho que ele queria dizer que eu era a última chance de terem um menino. Minha personalidade simplesmente concretizou isso: eu era forte, e valente, e mais expansiva — bem como ele imaginava que um menino poderia ter sido.

Se por um lado essa minha personalidade forte me diferenciava, por outro também tinha seu lado negativo. Parecia que meu pai acreditava que tudo em mim estava errado: nada do que eu fizesse parecia agradá-lo. Muitas vezes brigávamos e discutíamos sem eu estar disposta a ceder. Para mim, não bastava ouvir como resposta que meu pai estava certo só porque ele era homem, meu pai e o chefe da família. Assim parecíamos estar sempre discordando, papai e eu.

Eu com certeza recebia mais atenção dele do que Miriam e minhas outras irmãs, mas nem sempre era o tipo de atenção que eu queria. Jamais fui de enfeitar a verdade com mentirinhas inofensivas e por isso eu estava sempre encrencada. Lembro de mim algumas vezes andando na ponta dos pés pela casa para evitar meu pai, assim como tenho certeza de que ele com frequência se cansava de minha boca grande.

Olhando para trás, contudo, percebo que minhas batalhas com o papai me fizeram resistente, tornaram-me ainda mais forte. Aprendi a driblar a autoridade. Essas batalhas com meu pai sem querer me prepararam para o que estava por vir.

Minha mãe era muito diferente de meu pai. Para uma mulher daqueles tempos, pode-se dizer que tinha recebido uma boa educação, já que nem todas as mulheres iam à escola. Especialmente entre judeus religiosos daquela época, de meninas e mulheres o que mais se esperava era que tomassem conta da casa e da família, enquanto a educação e o estudo ficavam reservados aos meninos. E se por um lado minha mãe garantia que aprendêssemos a ler, a escrever, entendêssemos matemática

e estudássemos história e línguas, por outro ela também nos ensinava a cuidar das pessoas da nossa comunidade.

Éramos a única família judia em Portz, nosso vilarejo, e éramos amigos de todos. Minha mãe escutava todas as notícias da cidade e muitas vezes ajudava nossos vizinhos, em especial jovens grávidas em momentos de necessidade. Levava-lhes macarrão ou bolo, ajudava com os afazeres da casa quando estavam doentes, dava conselhos sobre como criar os filhos e lia instruções ou cartas de outros membros da família. Ensinou a mim e a minhas irmãs a seguir o seu exemplo, servindo os menos afortunados, ainda mais porque vivíamos melhor do que muitas outras pessoas em nosso pequeno vilarejo rural.

No entanto, por volta da época em que nascemos, o antissemitismo passou a impregnar nosso país: a Romênia. Isso significa que a maior parte das pessoas à nossa volta não gostava de judeus apenas por serem judeus. Nós, crianças, não tínhamos consciência do antissemitismo até 1940, com a chegada do exército húngaro.

Certa vez, meu pai nos contou de um incidente antissemita que aconteceu com ele em 1935, quando Miriam e eu tínhamos apenas um ano de idade. Naquele ano, a Guarda de Ferro — um violento partido político antissemita que controlava a administração do povoado, a polícia e os jornais — começou a incitar o ódio contra os judeus, inventando histórias falsas sobre quão más eram as pessoas judias e sobre como os judeus queriam enganar todos para dominar o mundo. Meu pai e Aaron, seu irmão, foram presos pela Guarda de Ferro romena sob acusações falsas de não terem pago impostos. Mas era tudo mentira; eles sempre tinham pago seus impostos. Foram apontados e levados à prisão apenas por serem judeus.

Papai nos contava que quando ele e tio Aaron saíram da prisão, decidiram ir à Palestina para ver se poderiam construir uma vida lá. A Palestina, à época, era uma área de terra no Oriente Médio na qual o povo judeu tinha vivido antes de seu exílio, na época do Império Romano: especialmente durante períodos de perseguição, era sempre

lembrada como pátria por muitos judeus. Uma parte da Palestina havia sido reservada para imigração judia no início do século XX e acabou se tornando o estado independente de Israel em 1948.

Meu pai e tio Aaron ficaram na Palestina alguns poucos meses e então voltaram à Romênia. Assim que retornaram, tio Aaron e sua mulher venderam todas as suas terras e posses e planejaram emigrar ou se mudar.

Papai também insistia com a mamãe para deixar tudo e ir se estabelecer na Palestina.

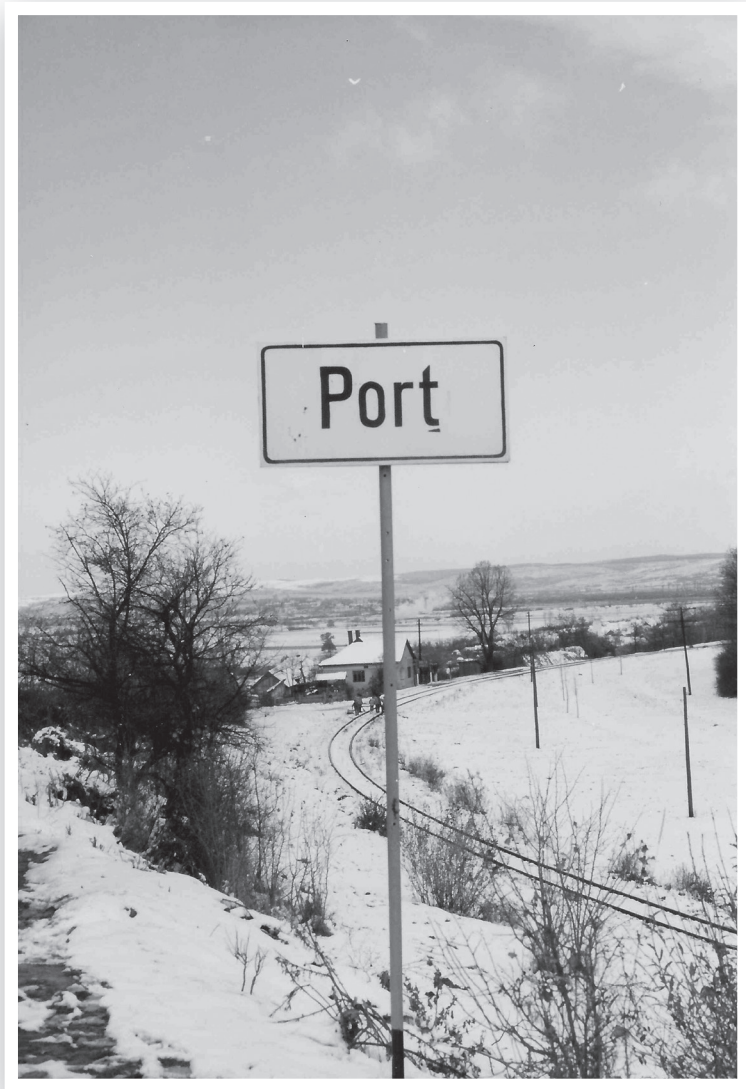
— Lá é bom — dizia ele. — O país é quente. Há muitos empregos.

— Não — protestava ela. — Eu não posso me mudar com quatro crianças pequenas.

— Precisamos ir embora agora, antes que as coisas por aqui fiquem piores para nós — insistia meu pai, preocupado com as notícias que ouvia sobre a crescente perseguição aos judeus em todo o país e na Europa.

— O que eu vou fazer lá? Como é que vamos nos virar? Não tenho vontade de viver no deserto — dizia minha mãe. E como as mães por vezes fazem, batia o pé e se recusava a ir. Sempre me pergunto como nossa vida teria sido se ela tivesse cedido.

Em nosso pequeno vilarejo na Romênia, vivíamos numa bela casa, numa ampla fazenda. Tínhamos milhares de hectares de plantações — trigo, milho, feijão e batatas. Tínhamos vacas e ovelhas, com as quais produzíamos queijo e leite. Tínhamos uma vasta vinícola e produzíamos vinho. Tínhamos hectares de pomares, que nos davam maçãs, ameixas, amoras e suculentas cerejas em três cores: vermelhas, pretas e brancas. No verão, essas cerejas se tornavam brincos bonitos quando fazíamos de conta que éramos senhoras sofisticadas e elegantes. Mamãe também adorava seu jardim florido na frente de casa e o quintal com verduras e legumes nos fundos, além de suas vacas, galinhas e gansos.



Portz, Transilvânia



Na fileira de cima (da esquerda para a direita): Aliz, papai, Edit e a amiga Luci  
No meio: Eva, mamãe, Miriam. Embaixo: primo Shmulik

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

### **Campanha**



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM JANEIRO DE 2023